

LIPOVETSKY, Gilles e SERROY, Jean. *A cultura-mundo, respostas a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

O livro examina a expansão da cultura ocidental que, no atual ciclo civilizatório, alcança todo o planeta significando o fim da heterogeneidade tradicional da cultura no mundo. Espalham-se por todo o mundo os padrões de consumo, a troca de informações e negócios, alguns valores, produzindo novos problemas ou dando outra dimensão aos antigos como: “ecologia, imigração, crise econômica, miséria do terceiro mundo, terrorismo, mas também dificuldades existenciais, de identidade, crenças, crise de sentido e distúrbios de personalidade”, (p. 9). O que indicam os autores é que as mudanças na cultura afetam a relação do homem consigo mesmo e com o mundo a sua volta. Inseparabilidade entre o homem e o mundo é o que da fenomenologia e do culturalismo influencia a análise dos autores.

Construindo uma interpretação particular da história, os autores sugerem que a humanidade passou por etapas de evolução. Na primeira as relações sociais se restringiam ao pequeno grupo das relações clínicas e parentais. Este período perdurou por muitos séculos. O segundo momento coincide com o surgimento das democracias modernas e iniciou-se com o desenvolvimento da tecnociência e o terceiro é o período atual denominado hipermodernidade. A última etapa é uma radicalização do momento anterior e está guiada pelas lógicas do individualismo e consumismo. A característica mais imediata deste novo momento da história é “a hipertrofia da oferta mercantil, a superabundância de informações e imagens, a oferta excessiva de marcas, a imensa variedade de produtos alimentares, restaurantes, festivais, músicas, que agora podem ser encontrados em toda parte do mundo”, (p.15). Assim como as trocas comerciais, generalizaram-se os medos e os modos de vida resultando, para os autores, em desorientação, insegurança e instabilidade. Na raiz da desorientação contemporânea além da globalização econômica está a desorganização do embate político entre ocidente – oriente que marcou boa parte do século passado. As mudanças alcançam à vida íntima mudando “a família, a identidade sexual, as relações entre os gêneros, a educação dos filhos, a moda, a alimentação, as novas tecnologias”, (p. 21).

O capítulo inicial coloca na perda dos valores superiores a explicação filosófica do início da crise percebida e considera que se trata de etapa identificada por Friedrich Nietzsche e já está concluída. A face contemporânea da crise sustenta-se no “mercado, tecnociência,

indivíduo: entregues apenas a si mesmos, esses princípios organizadores dominantes fizeram nascer uma cultura-mundo sem precedentes na história, geradora de um novo mal-estar na civilização”, (p. 32). O mercado com poucos controles regulamentares, com a criação de grandes blocos de comércio livre e integrando grandes e populosos países que antes ficavam à margem como Brasil, Rússia, Índia e China (BRIC), assumiu papel diverso do anterior. Cresce neste novo mundo a instabilidade macrofinanceira e com ela a insegurança pessoal, mental e moral de indivíduos que perdem os apoios constituídos pelos antigos mecanismos de proteção social. Comentam os autores: “Nenhum pensador substitui Marx, e não existe mais um grande sistema de pensamento que tenha em seu programa a destruição do mercado”, (p. 39). Os movimentos críticos, de várias tendências, “não esboçam nenhuma solução coerente, nenhum programa possível de substituir de maneira construtiva o sistema estabelecido”, (p. 40). Neste ambiente econômico o homem contemporâneo encontra “nos prazeres fáceis e variados de consumo os temperos da vida que não encontra em outros lugares”, (p. 41). Todo o movimento econômico acha-se impulsionado pela ciência e tecnologia, eles próprios inseparáveis do otimismo moderno e pouco crítico que os autores denominam humanismo prometeico. O uso da tecnociência pelo sistema econômico produziu um aumento da riqueza, mas também do desperdício e dos problemas ecológicos. As mudanças econômicas afetam a organização política de países como a França, cuja cultura política não se ajusta bem à nova situação econômica do mundo. E a desorganização política da França é comum a muitos outros países que não se acomodam facilmente no capitalismo conservador. A desorientação na vida pública alcança a família, isto em todo o mundo, com menos casamentos, mais divórcios, baixa da fecundidade, união de pessoas do mesmo sexo. As mudanças familiares provam que cada pessoa espera construir seu próprio modelo de felicidade, sem referências generalizadas. Se a mudança familiar não é tão danosa psicologicamente, o estado de solidão e de miséria subjetiva são dolorosos e explicam “a escalada consumista que permite à pessoa oferecer a si mesma pequenas compensações pela falta de amor, de laços ou de reconhecimento”, (p. 56). Mudaram também os transtornos psíquicos sendo frequentes hoje em dia a “compra compulsiva, superendividamento dos lares, vício pelos videogames, ciberdependência, toxicomanias, condutas viciosas, anarquia dos comportamentos alimentares, bulimia e obesidade” (p. 59). Doenças que resultam de uma cultura a uma só vez hedonista e ansiosa que triunfa e que não é a do prazer dionisíaco.

O capítulo seguinte trata da comunicação e do papel da imagem no novo mundo. Nele os autores utilizam as referências teóricas de Adorno e Horkheimer, mencionando as dificuldades de uma indústria cultural destinada às massas, “produtora de obras medíocres, padronizadas, que não fazem mais que aumentar o poder das convenções”, (p. 70). Ao lado dela também aparece uma produção cultural hermética e elitista que atinge apenas pequena parcela da população. Nenhuma das duas tendências está efetivamente comprometida com o antigo ideal humanista de aperfeiçoamento do espírito. Para este homem a televisão é equipamento imprescindível pelo qual ele entra em contato em tempo real com os grandes acontecimentos planetários. Nos últimos anos a tela do computador também passou a cumprir este papel tendo mais importância para as novas gerações que despendem cada vez mais tempo diante dele. Para este público mundial a indústria da cultura ofereceu estrelas globais que se tornam modelos universais. Estrelas criadas muitas vezes apenas por se tornarem conhecidas do grande público, como ocorre com personagens dos reality-shows espalhados nas redes de televisão do mundo inteiro. Neste tempo a produção cultural está orientada para o mercado e mesmo pinturas e esculturas clássicas, criadas noutro contexto, alcançam cifras milionárias em leilões mundiais. Museus e outras casas de cultura são preparados para receber o turismo cultural, amarrando a ideia de consumo à produção da arte e produtos históricos. Cresce o desinteresse pelos textos literários e filosóficos. Dizem os autores: “os debates de ideias e de escolas contrárias às posições e controvérsias filosóficas perderam sua aura, seu poder de fascínio e de influência e se enfraquecem com grande rapidez”, (p. 103).

O capítulo terceiro trata da recepção desta cultura mundo representada principalmente, mas não exclusivamente, pelos produtos norte-americanos. Trata-se de uma preferência por produtos mundiais. “É nesse contexto que se assiste ao advento de um consumidor transnacional que deseja em toda parte as mesmas marcas e se comporta segundo os mesmos padrões”, (p. 113). O modo de vida nas grandes cidades do mundo vai-se aproximando “numa espécie de homogeneização globalizada dos produtos, dos consumidores e da cultura”, (p. 116). A recepção a esta padronização não ocorre sem certa resistência das referências locais que tentam resguardar um estilo próprio como ocorre com os pratos típicos ou a moeda nacional, mas trata-se de movimento de adaptação às mudanças. Em todo o mundo, os estilistas locais metamorfoseiam “os códigos indumentários tradicionais em um estilo moderno e contribuem para o advento de uma moda global baseada na reabilitação das raízes,

das identidades étnicas”, (p. 117). O processo de mundialização dos gastos não se limita à oferta de produtos padronizados como a Coca-cola, mas traz uma oferta cada vez mais diversificada, levando para as grandes redes tendências e produtos de um canto do mundo. “A Zara, afirmam os autores, renova seus modelos a cada duas semanas, produzindo cerca de 12 mil *designs* todo ano”, (p. 119) A ampliação da oferta acelera a diferenciação dos indivíduos que buscam um perfil particularíssimo no interior das sociedades. Assiste-se a recepção particular dos hábitos mundiais onde aspectos particulares dialogam com os da cultura-mundo, uma alimentando a outra. E, também na contramão da desorientação, hedonismo e perda de referências éticas, assiste-se o surgimento de movimentos e reação que reativam valores nucleares e tradicionais da cultura. E, neste ponto, os autores reconhecem nos valores do ocidente os elementos que podem servir de referência ao homem contemporâneo. Afirmam: “o senso de indignação moral não foi de modo algum erradicado, nossas sociedades reafirmam um núcleo estável de valores partilhados: os direitos humanos, a honestidade, o respeito pelas crianças, a rejeição da violência e da crueldade”, (p. 135). Também permanece o individualismo responsável expresso no respeito ao outro e no trabalho sem fronteiras de ONGs transnacionais.

O último capítulo trata a cultura-mundo como civilização ou uma tentativa de organizar uma ordem mundial mais humanizada. Para tanto, a recuperação de valores como a disciplina e o mérito nas escolas, combinando aspectos do atual modelo de ensino com elementos do sistema pedagógico antigo parece ser um bom caminho na avaliação dos autores. Outro aspecto que eles destacam na edificação desta civilização é a construção de “uma cultura geral, transformando o que não é mais que um amontoado desordenado de informações em um conjunto de conhecimentos e de valores partilhados”, (p. 161). Some-se a estas iniciativas o revigoramento das universidades no que elas possuem de mais significativo para a formação da consciência crítica, devolvendo-lhe “sua missão primeira e insubstituível: formar o homem”, (p. 165). Parece-lhes, igualmente, importante a revisão da política cultural que gasta somas enormes do Estado para atender apenas uma elite reduzida. Avaliam também como necessário o reconhecimento dos valores ecológicos e das lutas contra as discriminações das minorias.

A conclusão do livro faz um resumo da profunda mudança que atinge o mundo desde o século passado. E resume tendências para reagir às transformações provocadas pelo

mercado e mudanças que ele traz. Considerando que o tempo do código unificado não é mais possível, eles apostam em mudanças nos elementos culturais capazes de educar os homens.

O livro *A cultura-mundo* é atualíssimo e interessante pela análise ampla da vida contemporânea. Tem mérito ao descrever as mudanças pelas quais passa a sociedade nas últimas décadas. Revela vínculo teórico com a Escola de Frankfurt, colocando nas mudanças econômicas a raiz das amplas transformações culturais. Indica a importância de tomar valores solidamente reconhecidos pela tradição ocidental como referência para a desorientação contemporânea, algo mais ou menos comum às filosofias da cultura. Reside neste último aspecto a contribuição mais importante da obra. Falta-lhe separar as mudanças culturais da raiz econômica, pois, embora partes do mesmo contexto, os elementos do espírito conservam relativa autonomia e independência dos processos econômicos. Por outro lado, se os valores são fundamentais à vida, ela não deixa de ser contínuo risco nascido da necessidade de criação de sentido. Nos momentos de crise histórica renovam-se os desafios de pensar os limites do homem e isto não é novidade. Já ocorreu em outras épocas como apontou Ortega y Gasset. Os elementos descritos na crise contemporânea encontram-se delineados na crítica fenomenológica e raciovitalista do século passado, constituindo-se numa atualização da sociedade de massas e do novo bárbaro identificado por Ortega y Gasset já no século passado. Enfim, o livro é instigante e desafiador pelo que propõe e justifica sua leitura.

Prof. Dr. José Mauricio de Carvalho
(UFSJ – São João del-Rei – MG - Brasil)
mauricio@ufs.edu.br

Data de registro: 30/11/2011

Data de aceite: 08/03/2012